

O BICÉFALO

AUTOR: Jota Ene Canabarro

Número de personagens: 8 homens e 5 mulheres

Personagens:

Ator

Enfermeira Maria Isaura

Doutor Ambrósio

Bêbado

Palhaço - autor da peça

Professora

Joãozinho - aluno

Claudinha - aluna

Tônico - aluno

Alfredinho - aluno

Uma repórter

Diretor do jornal

Doutora Salomé

Número de páginas: 33

Número de exemplares: 1

Atos: 2

Tema: Sátira sobre o Brasil na época da ditadura.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

TEATRO DE ARENA - 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90020

<u>Título</u>	"O BICÉFALO" A verdadeira história do transplante que quase deu certo.
<u>Autor e Diretor</u>	JOTA ENE CANABARRO
<u>Elenco</u>	CLEITON DE OLIVEIRA DELMAR RODRIGUES JOTA ENE CANABARRO MARBA LORENA TITO MENDES
<u>Som e Iluminação</u>	JORGE MACIEL RODRIGUES
<u>Cenário e Figurino</u>	JOTA ENE CANABARRO
<u>Programação visual, Publicidade e cartazes</u>	CLEITON DE OLIVEIRA
<u>Fotografia</u>	PAULO PINTO
<u>Produção</u>	COTIL — Companhia Teatral Ie — lense e Instituto Livramento.

CENÁRIO — Um hospital estilizado, parecendo mais com um circo do que propriamente um quarto de hospital. Um paciente, no leito, to ma sôro. Este paciente é um enorme boneco com du as cabeças.

PRÓLOGO — Entram duas pessoas, sob luzes vindas dos bastidores, transportando um enorme pacote. Deixam-no no centro de cena e saem pé ante pé. Sobe a música. Entra um ator...

ATOR — Senhoras e senhores, muito boa noite. Vivemos tempos difíceis. Mas, como não podemos deixar de rir, aqui estamos para nos divertir... Senhoras e senhores, é com particular satisfação que lhes apresentamos a peça de Jota Ene Canabarro: O Bicéfalo. Para este espetáculo, sob a direção do próprio autor, reuniu-se um elenco que acredita no teatro, que julga esta arte tão necessária como o próprio alimento, que, enfim, acredita que teatro é cultura. Em outras palavras, este elenco faz viver o teatro santanense, dando a ele um gosto universal como universal é a arte... Iniciamos com um pedido especial: esqueçam o mundo lá fora. Enquanto durar o espetáculo, apenas este será o nosso mundo. Fiquemos entre estas quatro paredes e imaginemos que mais nada existe... Senhoras e senhores, eis aqui o nosso mundo! Um outro pedido, distinto público: nada de comparações apressadas. A razão e o raciocínio devem caminhar juntos durante a apresentação desta peça... Assim sendo, desejamos a todos um bom espetáculo. Podeis aplaudir! (SAI O ATOR.)

PRIMEIRO ATO
CENA UM

TEATRO DE ARENA : 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 635 — CEP 90010

Entra um bêbado que vai sentar-se em um canto e fica bebericando. Logo em seguida entra a enfermeira que verifica o sôro do paciente (boneco). Faz esta tarefa cantando...

ENFERMEIRA — "Eu te amo, meu Brasil, eu te amo. Meu coração é verde, amarelo e branco, azul anil. Eu te amo, meu Brasil, eu te amo". (FALANDO) — Este não tem jeito, ou terá?... É, nó nas tripas é fogo... Uma vez aconteceu um caso semelhante com um gatinho lá em casa. Coitado do gato, se entupiu, não podia arrotar. Por cima não saia nada...

BÊBADO — Só por baixo. Prrrrruuuuummm! Nó nas tripas.

ENFERMEIRA (ACARICIANDO O PACIENTE E CANTANDO.) — "Eu te amo, meu Brasil, eu te amo. Ninguém segura a "patota" do Sarney"... (SAI DE CENA REBOLANDO.)

BÊBADO — É por isso que eu bebo.

CENA DOIS

Entra o ator. Veste a mesma roupa da primeira aparição, só que agora não está vestindo as calças. Mostra uma cueca samba-canção. Dirige-se ao pacote com grande atenção e curiosidade. Abre-o e dirige-se ao público falando sobre o conteúdo do pacote...

ATOR — Um novo pacote. Em pleno verão... Olha gente, se é bom eu não sei, se é ruim, também não sei. Vocês que estão acostumados a receber estes presentinhos são quem devem saber... Brasileiros e brasileiras, está tudo aqui. A encomenda veio confortável me o programa... Este pacote ainda vai dar o que falar, aliás, todos deram, não é?! É uma dificuldade. Já estou só de tanga. Brasileiros e brasileiras! (SAI.)

CENA TRÊS

Entra o doutor Ambrósio. Atrás dele vem a enfermeira, senhorita Maria Isaura, com uma planilha na mão. O médico examina o paciente.

ENFERMEIRA — Nada, doutor?

DOCTOR — Nada, senhorita, e mergulho muito bem. Já fui campeão de natação. Já ganhei até medalha.

ENFERMEIRA — Não perguntei se o senhor sabe ou não nadar, se foi ou não campeão de natação, nem quero ver sua medalha. Perguntei "nada" referindo-me ao paciente.

DOCTOR — Como posso saber se ele sabe ou não nadar, senhorita Maria Isaura? Ele não está usando calção de banho.

ENFERMEIRA — O doutor interpretou mal minhas palavras. O meu "nada" não tem nada a ver com "nadar", mas "nada" referindo-me quanto a alguma possível mudança no quadro clínico do paciente. Entendeu agora, doutor Ambrósio?

DOCTOR — Ah, entendi!... Nada, senhorita. Está na mesma, para não dizer... pior!

ENFERMEIRA — Está bem ruinzinho, né doutor?

BÊBADO — Eu reparei mesmo que ele está mal na foto.

DOUTOR — A impressão que se tem, senhorita, é que este paciente cresceu, cresceu, cresceu, ficou forte, mas é uma "fortaleza frágil", entendeu?

ENFERMEIRA — Não!

BÊBADO — É uma dificuldade!

DOUTOR — Diante das circunstâncias, eu diria, senhorita, que o nosso paciente cresceu por um milagre.

ENFERMEIRA — Ah, eu lembro: foi o tão famoso milagre... Lá pelos anos setenta, oitenta, tinha um gordinho baixinho, sem pescoço, que idealizou a coisa. Um crescimento fantástico.

BÊBADO — Crescimento fantasioso!

ENFERMEIRA — Ah, mas ainda está em tempo de se reparar tal mal. Não é, doutor?

DOUTOR — Isto é passado, senhorita, e o passado está perdoado. Revanchismo, não. Você pensa que isto aqui é a Argentina? Nossa tarefa agora é cuidar do paciente no presente.

ENFERMEIRA — O que vai ser um pepino bem grande.

DOUTOR — Entenda que este atual estado do doente podemos chamar de "estado de transição".

BÊBADO — Isso é a mesma coisa que passar do nada pro vazio.

DOUTOR — Bem, senhorita Maria Isaura, temos uma grande tarefa pela frente. Devemos aproveitar o momento presente.

ENFERMEIRA — Sim, doutor Ambrósio. O importante é o presente. Cuidaremos do paciente e façamos isso já e sem demora. como dizem as más línguas: quem quer fazer não enrola, ora bolas!

BÊBADO — É só baixar um decreto e está decretado. De pacote em pacote até o povo é empacotado.

DOUTOR — Senhorita, repare se não me saltou um botão da braguetta?

ENFERMEIRA — Como é mesmo?

BÊBADO — Tá certo, doutor, não falo mais nada.

DOUTOR — Atendamos o nosso doente, senhorita (EXAMINA O PACIENTE.)

ENFERMEIRA — Doutor Ambrósio, como está a pulsação do paciente?

DOUTOR — Depois desta anestesia, estamos aguardando os resultados. Senhorita, chegue-se, as paredes têm ouvidos.

BÊBADO — Quem cochicha o rabo espicha.

ENFERMEIRA — Quem se importa o rabo entorta.

BÊBADO — Quem reclama o rabo inflama.

ENFERMEIRA — Quem tá brabo morde o rabo.

BÉBADO — Se é comigo, morde o imbigo.

DOUTOR — Se é com ela, morde a canela. E, quanto ao nosso paciente a situação não ira mudar muito, mas mesmo assim devemos ter muito cuidado. Nada de "euforismo" como das outras vezes... Depois da anestesia não temos resultados precisos. Sabemos todos que a situação está insuportável. O paciente está lindo à breca.

ENFERMEIRA — Que mal pergunte, doutor...

DOUTOR — Se é para mal perguntar, não pergunte.

ENFERMEIRA — Que bem pergunte, então... Que tipo de anestesia foi ministrada no doente?

BÉBADO — Foi uma "ministrada" mesmo. Tinha ministro de tudo que era pelo.

DOUTOR — Não entendi, senhorita.

ENFERMEIRA — Se a anestesia faz parte da nova encomenda?

DOUTOR — Naturalmente. Do novo pacote.

ENFERMEIRA — Danou-se. Das vezes anteriores não surtiu efeito algum. AO contrário, em vez de diminuir a pulsação, aumentou a inda mais.

DOUTOR — Como dizem lá no interior: foi uma cagada.

BÉBADO — Eh, eh, doutorzinho dos bons... Olha, se eu fosse doutor, não falaria dessa maneira. Eu diria que foi uma defecada.

ENFERMEIRA — Uma pena, né doutor? Bem que ele merecia melhor sorte. Mas que remédio?

DOUTOR — Mas como também dizem: com este novo choque a pulsação estará estabilizada.

ENFERMEIRA — Estabilizada no pico ou na média?

DOUTOR — No pico, com certeza, mas devemos dizer que está a ze ro.

ENFERMEIRA — Zero?

DOUTOR — Ou quase zero, ou um pouco próximo de zero.

ENFERMEIRA — Um pouco próximo de zero, doutor?

DOUTOR — Bem, não tão próximo de zero...

ENFERMEIRA — Diga-me uma coisa: com este "novo" medicamento, suportará o paciente?

DOUTOR — Que fique bem claro o que eu digo, senhorita Maria I saura. É uma opinião pessoal e nada oficial. É uma opinião assim tipo global, entende? É possível, isto é, talvez, tudo é uma incógnita.

ENFERMEIRA — Coitado.

DOUTOR — Já ouve casos semelhantes com outros dois pacientes. Um argentino e outro israelense. Mas os resultados não foram na da animadores... Porém, a nós resta uma esperança.

ENFERMEIRA — Tem que dar certo. Tem que dar certo. Tem que dar certo. O refrão é antigo, mas dizem que é a nova onda deste ve rão.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

DOUTOR — Senhorita, o nosso paciente está segurado pela previdência ou trata-se de um caso particular?

ENFERMEIRA — Nada consta aqui na ficha, doutor. Mas se o senhor me permite uma conclusão detetivesca...

DOUTOR — Sherloqueie, senhorita, sherloqueie (ALCANÇA PARA A ENFERMEIRA UMA LUPA).

ENFERMEIRA — Vê-se que o nosso doente é bem crescido, mas, apesar do tamanho, apresenta características de um subdesenvolvimento crônico.

DOUTOR — Subdesenvolvido?

ENFERMEIRA — Elementar, meu caro Watson! Repare em suas mãos.

DOUTOR — Não lavaram as mãos do paciente!

ENFERMEIRA — Calma, doutor. Repare os calos... Vê-se que trabalha duro, de sol a sol...

DOUTOR — Bóia fria.

ENFERMEIRA — Além de trabalhar muito, come pouco. Feijão com arroz e farofa...

DOUTOR — Subnutrido.

ENFERMEIRA — Neste caso, há mais probabilidade de tratar-se de um indigente, um pobre coitado.

DOUTOR — Sendo assim, aproveitaremos para fazer algumas experiências médicas. Como disse Lavoisier: os meios justificam os fins.

ENFERMEIRA — Assim como Heródes também lavava as mãos, é possível que Lavoisier tenha dito isto. Mas a frase ficou conhecida dita ao contrário: "os fins justificam os meios".

BÊBADO — Maquiavel!

DOUTOR — Por que a senhorita está se coçando?

ENFERMEIRA — Não sei, começou de repente. Porém, pulga não é.

DOUTOR — Piolho?

ENFERMEIRA — Não creio.

DOUTOR — Falta de banho?

ENFERMEIRA — O senhor é testemunha ocular de que tomo banho todos os dias.

DOUTOR — Quem sabe, sarna? Não será?

ENFERMEIRA — Sarna? Será possível? Há algum tempo atrás foi uma epidemia, mas agora? Será que eu "sarnei"? Sarna no verão é fogo, doutor. O que faço?

DOUTOR — Cante, senhorita. Quem canta seus males espanta.

ENFERMEIRA — Uma nova terapia? Mas eu sou tão desafinada, doutor.

DOUTOR — Não importa, desafinaremos juntos.

ENFERMEIRA — Então tá. Começa o senhor.

DOUTOR — Certo... É um, é dois, é três. One, two, three, four!

OS DOIS — (CANTANDO) "Eu ontem acordei com vontade de coçar / lembrei dos presentinhos que alegre ocê mandou / eram pacotinhos muito muito engraçadinhos / que de alegria o meu coração gelou / A mesma tática / o mesmo golpe / a mesma forma de ocê me conquistar / A mesma tática / o mesmo golpe / a mesma forma de ocê me enrolar... "

OS DOIS MAIS O BÊBADO — Sarney!

ENFERMEIRA — Tem que dar certo, tem que dar certo, tem que dar certo!

DOUTOR — Pom-pororom-pom, pom-pom!

BÊBADO — Só que das outras vezes não deu!

ENFERMEIRA — Mas ainda resta a esperança, não é, doutor?

BÊBADO — É por isso que eu bebo.

ENFERMEIRA — Doutor Ambrósio, o senhor não estranhou nada?

DOUTOR — Estranhar o quê, senhorita?

ENFERMEIRA — Que há neste paciente algo muito estranho, estranho mesmo, doutor. Algo raro, eu diria. Mas não pude dar-me conta do que é. O senhor não percebe? O que será?

DOUTOR — Realmente, senhorita. Você tem toda a razão. Agora que chamou-me a atenção, percebo que alguma coisa me causa estranheza. O que será?

ENFERMEIRA — O que será perguntei eu?

BÊBADO — O que será?

DOUTOR — De fato. A senhorita perguntou o que será?... Eu perguntei o que será?... Esse bêbado metido perguntou o que será?

RESPOSTA EM OFF — "O que será que será, que andam cochichando pelas alcovas..."

BÊBADO — Eu adoro essa música, mas também me amarro nesta outra...

SONOPLASTIA — "Não podemo se entregá prôs home"

ENFERMEIRA — É alguma coisa que foge aos padrões normais, tenho certeza.

DOUTOR — Porém, sem um exame minucioso, não me atrevo a diagnosticar, ou constatar, ou ainda dar um palpite que seja sobre o que venha ser.

ENFERMEIRA — Tenho certeza que está bem diante dos nossos olhos... (SAEM OS DOIS, MÉDICO E ENFERMEIRA.)

CENA QUATRO

(O BÊBADO SAI DO SEU LUGAR E DIRIGE-SE AO PÚBLICO.)

BÊBADO — Que está bem diante dos nossos olhos está!... Mas quem deseja ver o que está diante dos próprios olhos?!... Quando o JOTA ENE estava escrevendo esta peça, o título provisório era UM CORPO E DUAS CABEÇAS. Depois ele pensou em chamar a peça de "NOVA REPÚBLICA"... Desistiu... e foi até ...

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

bom. Está todo mundo cheio de "Nova República". Chegou a intitular a peça de "SANTA TRANSIÇÃO", mas alguém poderia confundir com "O Santo Inquerito" de Dias Gomes. Pensou num título mais "tupiniquim", assim como "EU TE AMO, MEU BRASIL". Mas, enfim, entre um título e outro, chegou a chamar a peça de "BRASILÍCIO DA SILVA E SILVA". Para dar um "tchã", mudou pra "BRASILÍCIO JOSENFELD DE ALCÂNTARA MENDONZA E BRAGANÇA". Aí eu falei pra ele: "Jota, quem é que vai entender título de peça assim?" Diante disto, ele quis desistir da peça, pelo simples fato de não conseguir um título. Não deixei. Um título deveríamos encontrar... Me arremanguei, tomei uns tragos pra me inspirar. Depois de dez garrafas de Almadén, que ganhei numa rifa, as idéias ficaram claras e, sem recêio algum, falei pra ele: Ô Jota Ene?...

CENA CINCO

Entra o autor caracterizado de palhaço.

PALHAÇO — Pode falar...

BÊBADO — Já sei qual o título pra tua peça.

PALHAÇO — Ah, é?! Como devo intitulá-la?

BÊBADO — Simples. Um título de encher a boca: "O BICÉFALO"!

PALHAÇO — Tá, gostei. "O BICÉFALO" — A verdadeira história do transplante que quase deu certo. Ou, a história do paciente muito doente que tem tudo para se curar... Gostei do título!

BÊBADO — Olha, eu não entendo nada de medicina, mas mesmo assim me arrisco a dizer: o problema do Bicéfalo não é só com os remédios, mas também a incompetência do corpo médico.

PALHAÇO — Imagina, se eles troucassem os medicamentos, usassem uma outra terapia. Acupuntura, do-in, até mesmo bruxaria... Quem sabe, um outro sistema.

BÊBADO — Isso. O sistema! Trocando o sistema, resolveria.

ATOR (ENTRANDO) — Lembrem-se, senhoras e senhores: nada de comparações apressadas. A razão e o raciocínio devem caminhar juntos durante a apresentação da peça.

PALHAÇO — Muito bem lembrado. Distinto público, fiquemos entre estas quatro paredes. Nada de comparações apressadas.

BÊBADO — Só uma coisinha, pessoal. Vocês estão contentes com o preço da carne?

TODOS — Do leite, do pão?

BÊBADO — Da cachaça, então?

ATOR — Com licença, uma pergunta: existe alguém tão doente e parecido com o nosso Bicéfalo?

PALHAÇO E BÊBADO CANTAM UMA ESTROFE DA QUARELA BRASILEIRA DE ARI BARROSO.

ATOR — Bem, alguma coisa se pode comparar.

PALHAÇO — Desde que não sejam comparações apressadas.

ATOR — Se me permite, faço uma outra pergunta, agora completamente deslocada?!

PALHAÇO — Pode fazê-lo. Coisa que nunca temo são as perguntas. O que me deixa atemorizado são certas respostas.

ATOR — Por que um bêbado e um palhaço na história do Bicéfaloo?

PALHAÇO — Entraram no texto quase sem pedir licença, parece que só pra me quebrar a cabeça. Pensei comigo: por que tirá-los? Por que não permitir a presença deles?... Um bêbado crítico. Vo cês repararam que o bêbado é crítico?! E um palhaço triste...

ATOR — Mas por quê?

PALHAÇO — Não há porquês. Sou o autor da peça, modéstia aparte, o criador dos personagens. A senhorita Maria Isaura, o doutor Ambrósio, a professora e seus alunos, a senhorita repórter, o diretor do jornal, a doutora Salomé. Todos são importantes no texto. Mas eu precisava de alguém que ficasse de fora, critican do os outros personagens ou o próprio texto. Esse é o papel do bêbado.

ATOR — Mas por que um bêbado?

PALHAÇO — Bem... Eu poderia transformar o personagem. O bêbado deixar de beber, ou não ser bêbado. Eu queria um personagem de visão, um homem crítico, um tanto anarquista, quem sabe até um transformador...

BÊBADO — Olha, Jotinha, foi até bom tu não mudares o bêbado, porque estou adorando fazer este papel...

PALHAÇO — Claro. Mordomia, cervejinha gelada paga pela companhia... Senhoras e senhores, um crítico é sempre um crítico, mas um bêbado crítico é mais notado. E minha intenção é chamar a a tenção.

ATOR — O bêbado está explicado. E o palhaço sem graça?

PALHAÇO — Isso mesmo. Palhaço e sem graça. Somos todos nós. O país está cheio.

BÊBADO — Depois de cada pacote do governo, repare no espelho pra ver se sua cara não amanhece pintada?!

ATOR — É isso aí, gostei do "chiste". Merece um trago. Bebamos todos em homenagem aos pacotes!

BÊBADO — Bebamos todos, mas só um pouquinho. **TEATRO DE ARENA . 226-0242**

PALHAÇO — Eu agradeço. A minha parte dá pro teatro. **Av. Berruto de Medeiros, 835 — CEP 90010**

BÊBADO — Dô, mas eu acho um desperdício.

Saem o ator e o palhaço. O bêbado vai para seu lugar. Entra o médico e a enfermeira.

CENA SEIS

DOCTOR — Senhorita Maria Isaura, como nos manda a teoria, vamos à prática. Faremos um exame.

BÊBADO — De consciência até que seria bom.

DOCTOR — Com o exame, talvez possamos descobrir a coisa que nos leva a essa estranha sensação desagradável de que nos apresenta o paciente.

BÊBADO — A coisa ou as coisas.

DOUTOR — Senhorita, qual é o sexo do dito cujo?

ENFERMEIRA — Dito o quê, doutor?

DOUTOR — Dito cujo, o paciente.

ENFERMEIRA — Não sei, doutor. Não consta na ficha. Veja, outro dado que não foi preenchido.

DOUTOR — Senhorita Maria Isaura, tenha a santa paciência. Com toda a sua prática, a senhorita vai verificar na ficha para saber o sexo do doente? Por acaso não foi a senhorita que trocou a roupa do paciente?

ENFERMEIRA — Não senhor. Essa tarefa sempre esteve a cargo do enfermeiro "Sam". Tio Sam, como o chamamos carinhosamente.

DOUTOR — Ah, o velho Ronald Reagan... Pensei que ele estivesse aposentado?!

ENFERMEIRA — Pois não está. Pelar os pacientes é com ele mesmo... Vou sair e já volto. (SAIDA FALSA).

DOUTOR — Onde é que a senhorita vai?

ENFERMEIRA — Perguntar ao Tio Sam qual é o sexo do doente. Foi ele quem despojou os pertences do dito.

DOUTOR — Não diga "despojou", senhorita. Despojar significa roubar, saquear, espoliar... Diga: Tio Sam tirou a roupa do paciente. Tirou, entendeu?

ENFERMEIRA — Ele tira mas não devolve.

DOUTOR — Esqueça o velho Sam, senhorita. Que nos importa se ele é democrata ou republicano.

ENFERMEIRA — Pergunta isso pra mim? Minha mãe sempre me aconselhou a não me meter em política. Principalmente a política internacional.

BÊBADO — Conselho de mãe é foda!

DOUTOR — Esqueça o que falei, senhorita. Examine o paciente e me informe o sexo. E, se não for incômodo, anote na ficha para que tenhamos essa informação sempre à mão.

ENFERMEIRA — Para que tenhamos o sexo do paciente sempre à mão, anotarei. (EXAMINANDO COM GRANDE EXAGERO.)

DOUTOR — Senhorita, senhorita, senhorita Maria Isaura... Esse exame deve ser rápido e superficial. Não precisa alisar, apalpar, tocar. Basta um simples olhar.

ENFERMEIRA — Me desculpe, doutor. É a força do hábito.

DOUTOR — Desculpa esfarrapada a sua. Meu pai tem quinze fi-
lhos e não anda assim na rua (GESTO.) — Qual é o sexo do paci-
ente?

ENFERMEIRA — Bah, doutor! Pela bagagem é homem.

DOUTOR — É?

ENFERMEIRA — Enooorme!

DOUTOR — Bem, anote o comprimento, isto é, escreva aí na ficha: sexo masculino.

ENFERMEIRA — Masculino com letra maiúscula.

DOUTOR — Por que com letra maiúscula?

ENFERMEIRA — O senhor ainda pergunta?

BÊBADO — Quem vê tamanho não vê competência. Conhece o tiquinho do japonês?

DOUTOR — Por falar em tiquinho, onde está o meu estetoscópio?

ENFERMEIRA — Aqui, doutor (ALCANÇA O ESTETOSCÓPIO).

DOUTOR — Obrigado... (EXAMINANDO O PACIENTE) — Senhorita...

ENFERMEIRA — Ah?!

DOUTOR — Tome nota no boletim... O coração do paciente funciona com ritmo regular, mas de forma um tanto anormal... Diríamos que o ritmo deste órgão alegraria 140 milhões de pessoas. Porém a mim, que sou médico, diplomado na PUC — Sim, senhorita, eu também sou filho da PUC — causa-me preocupação... Estou muito preocupado!

ENFERMEIRA — Doutor, pela sua expressão facial... O senhor nunca pensou em ser ator? Leva jeito!

DOUTOR — Senhorita?!

ENFERMEIRA — Parece que a coisa é grave.

DOUTOR — Gravíssimo. Escute e certifique-se.

ENFERMEIRA — Com a sua licença (ESCUTANDO)...

SONOPLASTIA (MÚSICA COM RITMO BEM MARCANTE).

ENFERMEIRA — Que legal, doutor. Sou vidrada nesse sambinha. É fantástico... (BRINCA COM O PACIENTE.)

DOUTOR — O que é isso, senhorita? Comporte-se. Sua atitude está me irritando.

ENFERMEIRA — Isso foi ontem, doutor. Agora estou arretando é o paciente.

DOUTOR — Deixe o homem em paz no leito. É uma ordem, comporte-se.

ENFERMEIRA — É por isso que a medicina não vai pra frente... O que é que tem de errado em a gente divertir um doente? Veja só, doutor, como ele ficou sorridente.

BÊBADO — Atenção, atenção! Um pequeno intervalo para os nossos comerciais... (ENTRA O ATOR.)

ATOR — Demonstre clareza de espírito e comprometimento cultural. Torne-se cúmplice desta nobre arte. Convide outras pessoas a vir assistir o teatro, sempre que ele acontecer nesta casa. Povo que não ama o seu teatro está morto, ou está morrendo.

BÊBADO — Senhores, não é milagre, é verdade pura.

ATOR — Se você sente-se fraco, pernas bambas, zumbido na cabeça, tonturas. Se anda desanimado a tal ponto que nem a Lúcia

Veríssimo lhe estimula...

BÊBADO — Tome Caninha Baiana. A cachaça é ruim, mas a "tunturinha que ela dá é demais.

ATOR — Brochou, Caninha Baiana, tomou. (SAI)

CENA SETE

DOUTOR — Tome nota, senhorita. Os batimentos cardíacos do paciente apresentam um quadro anormal.

ENFERMEIRA — É para escrever isso, doutor? Não posso escrever um poema? Um poema "Roneydiano": "quero chupar teus seios, tua veia aorta, teus ossos, teu tutano"... Está bem, doutor, eu tomo nota... Como é mesmo que é para escrever?

DOUTOR — Os batimentos cardíacos do paciente apresentam um quadro anormal.

ENFERMEIRA — Os batimentos cardíacos do paciente apresentam um quadro normal.

DOUTOR — Um quadro anormal, senhorita. Anormal.

ENFERMEIRA — Ah, normal!

DOUTOR — Não, senhorita. Eu disse que: os batimentos cardíacos do paciente apresentam um quadro anormal. A-nor-mal!

ENFERMEIRA — Questão de ordem, doutor. Uma enfermeira é obrigada a saber tudo?

DOUTOR — Claro que não. Uma enfermeira, por exemplo, não precisa entender nada sobre mecânica de automóvel.

ENFERMEIRA — Uma enfermeira precisa ser escritora?

DOUTOR — Também não. Isso fica melhor para advogados, bancários, professores, políticos, barbeiros, ou para escritores mesmo.

ENFERMEIRA — O que não vem nenhum desses casos ser o meu caso. Confesso, doutor. Jamais serei uma escritora. Nunca foi o meu forte a redação na escola.

DOUTOR — E o que temos com isso?

ENFERMEIRA — É que eu não sei escrever a palavra "anormal". O senhor me desculpa. (CHORANDO.) — Somente sei escrever a palavra "normal"!

DOUTOR — Está bem, senhorita Maria Isaura. Não fique triste e não chore. Ninguém é perfeito. Também eu não sei uma porção de coisas. Não saber escrever certas palavras é o mal do sexo, isto é, do século. Não é uma exclusividade sua.

CENA OITO

Entra o ator que vai sentar-se junto ao bêbado.

BÊBADO — Contam as más línguas que o nosso povo não tem memória. Se a tem, ignora. A história se conta muito mal na escola.

ATOR — Cai no teste o ponto sobre o "barba de gato", o herói desbravador, professora? E sobre Caramuru?

BÊBADO — O que esses dois mataram de índio não está no Gibi!

ATOR — As enchentes do Nilo; os jardins suspensos da Babilônia; as caravelas de Cabral. Vai cair tudo no teste?

BÊBADO — A bússula da vovózinha; a masturbação das minhocas; o sexo dos anjos. Tens de saber tudo isso, menino. Não queres ser doutor quando cresceres?

ATOR — Tem que se estudar tudo isso?

BÊBADO — Tens que estudar muito mais. Conhecer línguas estrangeiras.

ATOR — Coca-Cola, Kolinós, Calça Lee, gravatas Pierre Cardin, Chevrolet, Ford, Basf, Almadém, QueGe da Economia...

BÊBADO — E ainda existem as gírias.

ATOR — É um despropósito. Uma confa desgraçada que ninguém entende bulufas.

BÊBADO — É isso aí, bixo!

ATOR — Falooooou!

BÊBADO — E o nosso léxico é tão belo.

DOUTOR — Senhorita Maria Isaura. Vejamos como se pronuncia este vocábulo: crisântemo ou crisantemo?

ENFERMEIRA — Crisantemo!

DOUTOR — Ora viva! E este outro: rúbrica ou rubrica?

ENFERMEIRA — Rubrica!

DOUTOR — Asterisco ou asterístico?

ENFERMEIRA — Aste o quê, doutor?

DOUTOR — Aquele sinalzinho gráfico que parece uma estrelinha.

ENFERMEIRA — Ah, asterisco!

ATOR — O juiz é meritíssimo ou meritíssimo?

BÊBADO — Se for juiz de futebol é meritíssimo!

ATOR — Gudi bi, ou "gud bai"?

BÊBADO — Mi love, ou "mai love"? (SAI O BÊBADO E O ATOR).

DOUTOR — Mi amor, te quiero mucho. Quiero amar-te toda la noche, hasta morir de cansancio. Ah, amore mio, si te tchapo sen sa brague...

ENFERMEIRA — Pare, doutor, pare por favor. Olhe como estou ar repiada. A sua cultura é um espanto. Eu não sabia que o senhor falava várias línguas.

DOUTOR — Vários idiomas, para ser mais erudito. Porém, senhorita, mais importante do que conhecer vários idiomas é conhecer e dominar o nosso próprio vernáculo.

ENFERMEIRA — Quantas línguas, isto é: quantos idiomas o senhor fala?

DOUTOR — Mal e porcamente um, o nosso. Mas sei o suficiente para ensinar a senhorita a preencher o relatório... Escreva, senhorita: os batimentos cardíacos do paciente apresentam um quadro normal.

ENFERMEIRA — Normal? Ai...

DOUTOR — O que aconteceu?

ENFERMEIRA — Mordi a ponta da idioma... (ESCREVENDO) — Os batimentos cardíacos do paciente apresentam um quadro normal. Pronto, doutor, escrevi.

DOUTOR — A senhorita saberia, por acaso, escrever somente a letra "A", saberia?

ENFERMEIRA — Claro! Somente porque não sei escrever uma palavra e tantos são os que não sabem, até mesmo professores, como o senhor afirmou.

DOUTOR — Opa! Tira o meu da estaca. Eu disse que ninguém é perfeito. Não mencionei uma só vez a pessoa de qualquer professor.

ENFERMEIRA — São tantos. Falar de um e não falar dos outros é melhor nem falar mesmo... Mas o fato é que por eu não saber escrever uma palavra não quer dizer que eu seja uma analfabeta... Escrever qualquer letra eu sei. A primeira coisa que aprendi na escola foi o alfabeto. Sei ele decor: a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, x, z... Agora vou dizer de trás pra frente: z, x, v, u, t, s, r...

DOUTOR — Chega, chega, senhorita! Não precisa exhibir suas qualidades literárias. Vamos ao que interessa, o nosso boletim médico... A senhorita escreveu que: os batimentos cardíacos do paciente apresentam um quadro normal... Como ficou comprovado o seu conhecimento das letras, escreva a letra "A" nesse boletim.

ENFERMEIRA — Realmente, doutor, não vejo nenhuma dificuldade. Sei escrever a letra "A".

DOUTOR — Muito bem. Então escreva a letra "A" na frente e junto à palavra "normal"... Escreveu?

ENFERMEIRA — Sim, doutor. Foi mais fácil do que eu pensava.

DOUTOR — Agora leia o boletim, senhorita.

ENFERMEIRA — Leitura branca ou com voz empostada?

DOUTOR — Leia a gosto, contanto que leia.

ENFERMEIRA (LENDO COM ÊNFASE.) — Os batimentos cardíacos do paciente apresentam um quadro "anormal"!

SONOPLASTIA (MÚSICA GLÓRIA GLÓRIA ALELUIA!)

CENA NOVE

ATOR — Conselho de inutilidade pública... Se o seu gato fez cô no tapete da sala, use "roial"! Uma rolha de um palmo e meio, ou mais...

DOUTOR — Continuemos com os exames, senhorita. Devemos ser rápidos e objetivos. Nosso enfermo está mal, muito mal. Não podemos perder tempo, um minuto sequer. Às vezes, como neste caso, uma fração de segundo que se ganhe, pode significar a vida do paciente. Por isto, senhorita, não podemos perder tempo.

ENFERMEIRA — Concordo com o senhor plenamente, doutor Ambrósio. Em número e gênero. O senhor está com toda a razão. Devemos ser rápidos e objetivos. Temos de ter em mente que devemos fa-

zer o que deve ser feito e fazê-lo já, agora, sem demora, nunca depois. Tempo perdido é tempo perdido, não se recupera, perdeu se já era, dizia meu avô... Sim, doutor Ambrósio. Meu avô se preocupava muito com o tempo. Ah, o velho Genovésio Nepomuceno Filho. Herdou o nome do seu pai, o velho "Geno", meu bisavô, mais conhecido pelo apelido de "Manco".

DOUTOR — Manco, o seu avô?

ENFERMEIRA — Não, o meu bisavô! Ele tinha uma perna dura devido um tiro que levou, dado por um forasteiro.

DOUTOR — Mas como aconteceu isso, senhorita?

ENFERMEIRA — Numa briga. O motivo de tal desavença é que sempre achei muito sem graça. Mas naquele tempo brigavam por qualquer besteira... Brigaram por causa da égua da mãe do forasteiro. Essa mãe, vendeu ao meu bisavô, o velho "Geno"...

DOUTOR — O Manco!

ENFERMEIRA — Uma égua por um preço e ela, a égua, não correspondia a tal valor. Discutiram, discutiram sobre o preço e deu-se a briga. Resultado: meu bisavô carregou pelo resto da vida uma perna dura. Desde então, apelidaram-no de "o manco"... Meu avô, Genovésio Nepomuceno filho, herdou também o apelido, "manquinho", tal era a semelhança entre pai e filho.

DOUTOR — As semelhanças podem ser explicadas pela genética.

ENFERMEIRA — Genética?! Ai, minha mão adorava essa palavra: Genética! Por isso ela queria tanto que eu fosse ginecologista... Mas voltemos ao que é importante. Conclua a minha história, melhor dizendo, a história de meu avô.

DOUTOR — O manquinho!

ENFERMEIRA — Ele era pedreiro, de meia colher. Profissão que exercia com maestria... Naquela época a coisa era bem diferente. Não assinavam carteira e nem pagavam o décimo terceiro em dia. Ganhava-se muito pouco, e, por isso, meu avô, era obrigado a trabalhar à noite como guarda noturno, para ajudar no orçamento familiar, já que sua prole era enorme. Dezesseis filhos! Saiba qual o alcunha de minha avó?

DOUTOR — Não, senhorita.

ENFERMEIRA — Coelha velha. Um filho atrás do outro... O que não interessa na nossa história, como também que os sete primeiros filhos do casal eram todos homens e o mais velho não virou lobisomem.

DOUTOR — Uma coisa muito rara, de fato.

ENFERMEIRA — Coitado do meu avô, o manquinho. Com a vida dura que levava, mesmo assim, sempre tinha palavras para incentivar os outros. Vivia a filosofar. Ele dizia: nunca se deve deixar para depois o que se pode fazer agora. Em outras palavras, ele afirmava: nunca deixe para amanhã o que se pode fazer hoje... Ah, doutor Ambrósio. Meu avô, Genovésio Nepomuceno Filho, o manquinho, era um filósofo.

DOUTOR — É uma grande verdade, senhorita. As pessoas das gerações anteriores preocupavam-se mais com a vida, com os porquês

das coisas... Minha sogra, se é que sogra serve de exemplo, também era uma filósofa, além de tudo, tremendamente sentimental e emotiva... Maria da Conceição Tavares. Talvez, por não ser "economista e portuguesa", nunca teve oportunidade na Globo.

ENFERMEIRA — Mas para chorar na televisão é preciso talento ou muita cara de pau, doutor!

DOUTOR — Mulher culta, de rara erudição. Professora aposentada. Conquistou facilmente sua aposentadoria. Trinta e cinco anos de magistério... Seguidamente era convidada a palestrar na Delegacia de Ensino. Seu tema favorito era: "o que não devemos fazer em educação!" Pena é que ninguém seguia os seus conselhos. Boa parte dos meus conhecimentos devo a ela. Seu único vício, o que para muitos é uma virtude, era passear na "Sarandí" de mini saia, frente única, salto alto e beber cerveja de canudinho. Onde quer que ela estivesse, aproveitava para filosofar. Ela dizia: "a gente aproveita o que se come!"... Como não podia ser diferente, meu sogro, homem violento e portador de um ciúme doentio, não permitia qualquer olhar malicioso pra cima da empregada doméstica, por quem nutria secreta paixão. Ele, meu sogro, contagiado pela convivência de tão nobre senhora, de quando em vez, também dizia provérbios culinários ao jantar. Lembro-me de um que falou com a boca cheia: "de grão em grão, a galinha enche o papo, e, depois, de papo cheio, enche o papo da gente, quando a gente papa ela!"... Assim era, senhorita, minha sogra. Uma filósofa!

ENFERMEIRA — Bons tempos, doutor, bons tempos. Hoje ninguém quer pensar, raciocinar. Já vem tudo pronto, empacotado, fabricado em série. A filosofia ficou de lado. Não se estuda nem na escola. O que se faz é gastar o tempo, a vida, com besteiras, banalidades, frases feitas.

DOUTOR — Tens toda a razão. As pessoas consomem-se entre frivolidades, futilidades. Gastam horas e horas falando sobre regimes alimentares, perder algumas graminhas, chá amargo com bolachinha, ou então, com reclamações porque a empregada não veio.

ENFERMEIRA — Ou passam o tempo fazendo comentários maldosos sobre a filha do vizinho, com os outros vizinhos.

DOUTOR — Esquecem-se das obrigações para comentar a novela.

ENFERMEIRA — Tempo enorme perdido em discussões sobre futebol.

DOUTOR — Quando não, as mulheres, põem-se em roda para falar da moda.

ENFERMEIRA — E os homens, entre sussurros e sorrisos, masturbam-se mentalmente falando sobre mulheres.

DOUTOR — Bem, senhorita, ninguém é de ferro.

ENFERMEIRA — E por falar que ninguém é de ferro, me vem à mente a fragilidade do ser humano. E por falar em ser humano, lembro-me do nosso paciente... Como ele está magrinho. Olha, doutor, a grossurinha deste pulso... pulso? Não estou sentindo o pulso, doutor Ambrósio...

DOUTOR — São Benedito, São José, Espírito Santo, o paciente...

(CORRE EM DIREÇÃO DO PÚBLICO.) — O paciente. Será que ele bateu com as botas?

ENFERMEIRA — Aqui, doutor. O paciente está aqui!

DOCTOR (VOLTANDO) — Obrigado, senhorita Maria Isaura!... Devemos conservar o sangue frio. Coragem, coragem!... Onde está o pulso? (TOMA O PULSO DA ENFERMEIRA) — A pulsação está normalíssima!

ENFERMEIRA — Claro, doutor! O senhor está segurando o meu pulso e eu não estou enferma.

DOCTOR — Exato!... Agora tomarei o pulso do paciente. Nunca descarte a possibilidade de obter algum outro dado para se fazer uma comparação... Agora vamos ver o estado do paciente... (EXAMINANDO O PACIENTE) — Perfeito, senhorita, perfeito!

ENFERMEIRA — Mas doutor, me parece que não está nada bem... Olhe seu estado.

DOCTOR — Isso é natural, senhorita, não se assuste. É o resultado da injeção... Curar não curou o doente, mas conseguimos congelar sua pulsação... Por favor, use o refrão.

ENFERMEIRA — Tem que dar certo, tem que dar certo, tem que dar certo!

DOCTOR — Bem, senhorita, já que não vejo motivo algum para maiores preocupações e tantos são os motivos para maiores preocupações, é melhor descansarmos um pouco. Concluiremos os exames mais tarde, antes que seja tarde demais. Chegou a hora do nosso recesso hospitalar!

ENFERMEIRA — Que bom darmos esta paradinha, doutor. Eu já estava me mijando! (SAI CORRENDO)

DOCTOR — Espera por mim, eu também vou para o mesmo lado. Espera... (SAI CORRENDO ATRÁS.)

CENA DEZ

Entra todo o elenco, um de cada vez. Cada um vai ocupando um lugar como se fosse uma sala de aula. Algazarra. Por último entra a professora.

PROFESSORA — Bom dia, bom dia, bom dia, meus queridos alunos. Não vejo a hora de iniciármos com a nossa aula, por que sei que assim que ela acabar, vou-me embora. Ai, que maravilha!... Como dizia o grande pedagogo americano, Mach Coicim, quem sabe sabe, quem não sabe?...

ALUNOS — Se fode!

PROFESSORA — Respondam para mim. Um de cada vez. O que é mais importante, mandarmos um foguete a lua, ou um submarino às profundezas do mar?

ALUNOS — Não sei.

PROFESSORA — Um de cada vez.

JOÃOZINHO — Não sei!

CLAUDINHA — Eu também não!

TONICO — Nem eu!

ALFREDINHO — Tô purfa!

PROFESSORA — Ai, crianças, não sejam tão alienadas. Saber das coisas é muito importante. Ter opinião é melhor ainda. Não concordam? (NÃO HÁ RESPOSTAS DOS ALUNOS.) — Não concordam?

ALUNOS — Concordamos!

PROFESSORA — Devemos ter opinião própria. Ter conhecimento dos fatos, dos acontecimentos. A sociedade exige de nós cada vez mais conhecimentos. Se vocês não se interessarem, logo logo se rão superados pelos mais capazes. O mundo está para os mais inteligentes.

JOÃOZINHO — É mesmo, profê. Tenho pena das pessoas ignorantes. Tem um senhor ali perto de casa que é uma porta de tão burro... Não sabe nada... Por exemplo: ele recebeu o seu salário e se atrapalhou nas contas. Ele tinha que pagar a água, a luz, o aluguel, o gás, o imposto predial, o armazém, a escola do filho e queria que ainda sobrasse dinheiro pro ônibus. Não dava, profê. Eu mostrei pra ele. Pra pagar tudo faltaria dinheiro. Ai, ele me perguntou:

TONICO — Os preços não foram congelados outra vez?

ALUNOS — Foram!

JOÃOZINHO — Foi o que eu respondi a ele. Mas ele me pergunta novamente: o salário mínimo não foi reajustado?

PROFESSORA — E o que você respondeu, menino?

JOÃOZINHO — Respondi e ele não entendeu porque era burro.

PROFESSORA — Mas o que você respondeu, criança?

JOÃOZINHO — Respondi que não sabia se ele estava num rabo de foguete ou com um foguete no rabo. (TODOS GARGALHAM.)

PROFESSORA — Silêncio! Continuemos com a aula.

JOÃOZINHO — Mas professora...

PROFESSORA — Não tem mas, nem meio mas. Quando um burro fala?

ALUNOS — Os outros murcham as orelhas!

PROFESSORA — Quando um professor fala?...

ALUNOS — Os alunos ficam quietos!

PROFESSORA — Um professor sempre tem...?

ALUNOS — Razão!

PROFESSORA — E quando o professor não tem razão... ?

ALUNOS — Dá-se razão a ele porque ele é o professor!

PROFESSORA — Muito bem. Nota-se que vocês assimilaram a lição. A disciplina, a obediência, o cumprimento do dever devem estar acima de tudo. Lembrem-se, meus queridos alunos: "povo que obedece..."

JOÃOZINHO — Tem sempre o Sarney que merece!

PROFESSORA — "Só o trabalho enobresse"...

TONICO — Quem não trabalha atrapalha...

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

PROFESSORA — E não enriquece... Quem madruga?...

CLAUDINHA — Deus ajuda!

PROFESSORA — Quem dá o que tem?...

ALFREDINHO — A pedir vem!

PROFESSORA — Quem hoje economiza?...

JOÃOZINHO — O futuro suaviza!

PROFESSORA — Quem cuida o que é do patrão, aprenderá, um dia, a cuidar do que é seu!

CLAUDINHA — Puxa, professora. Como a senhora está socialista!

ALUNOS (VAIAM...)

PROFESSORA — Silêncio! Continuemos com a nossa aula... Todos estão com os temas preparados? Quem contará primeiro a sua história?

JOÃOZINHO — Eu, profê, eu!

PROFESSORA — Muito bem, vamos ouvi-la.

CLAUDINHA — Com a sua licença... Uma vez um homem...

ALUNOS — Ai, ai, ai, um homem!

CLAUDINHA — Um homem que era muito muito pobre. A única coisa que ele sabia fazer era criar galinhas, porcos, ordenhar vaca, plantar feijão, mandioca, milho, entre outras coisas do gênero. Todos o chamavam de "colono". Nome que recebeu por sempre trabalhar na terra dos outros... Não sei se ele era parente da Ana Terra. Só sei que seu sobrenome era "Terra". Colono Terra!

TONICO — Colono Sem Terra!

CLAUDINHA — Bem... O "seu" colono era muito católico e ia à missa todos os domingos. E, depois da missa, ficava conversando com o padre, quando aproveitavam para tomar um vinhozinho. Entre um gole e outro, falavam da situação do homem do campo, sobre o movimento dos "Sem Terra".

PROFESSORA — Movimento de quem, Claudinha?

CLAUDINHA — Dos "Sem Terra"! Um grupo de pessoas que exigem do governo a "tal de reforma agrária"!... Diante da parcialidade governamental e da ineficiência do Ministério da Agricultura e da Reforma Agrária, resolveram buscar terras para trabalhar... Tal fato recebeu dois nomes: os Sem Terra, chamam de "ocupação". Os latifundiários e governantes, chamam de "invasão". E para concluir a história, que desse fato é grande a lista. Ao padre chamam de "vermelho" e os colonos de "comunistas"!

PROFESSORA — Muito interessante a sua história, Claudinha. Mas diga-me uma coisa: essa história aconteceu mesmo, ou é invenção dessa sua cabecinha ôca?

CLAUDINHA — Se é verdade? Não sei, profê! Só sei que é verdadeira.

TONICO — É verdade sim, professora. Por causa dessa história dá muito pau e o escambau.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

JOÃOZINHO — E bota pau. Olha prôfe, dá cada rico pau...

PROFESSORA — Calma, Joãozinho. Por que tanto entusiasmo?... Que ro ver entusiasmo na sua história. Ela já está preparada?

JOÃOZINHO — Preparadíssima, professora. Vou contar a melhor, a mais interessante, a mais mais do dia...

PROFESSORA — Então, vamos ouví-la.

TONICO — Com a licença da professora, com a licença dos demais colegas, com a licença do distinto público e de todas as autoridades que sempre estão ausentes... Senhoras e senhores, lhes conto a minha história, que não é minha, mas a história de todos nós, quem sabe...

PROFESSORA — Muito interessante. Interessante mesmo.

JOÃOZINHO — Calma, prôfe. Deixa a bomba explodir pra depois avaliar os estragos.

TONICO — Certa vez em um país não muito distante, situado abaixo do equador, a população, num dado momento, esqueceu-se do carnaval e do futebol... Um grupo de eleitores, que há muito tempo não votava pra presidente, resolveu sair às ruas. Eram metalúrgicos, bancários, agricultores, comerciantes, comerciários, donas de casa, carteiros, estudantes, desempregados, gente de todas as categorias, inclusive os aposentados. Cada um portava uma faixa, uma bandeira. Todos queriam "diretas já" para presidente... De início, muito acanhados, alguns experimentavam certo medo...

JOÃOZINHO — E não era pra menos, depois de vinte anos de cagaço!

PROFESSORA — Não interrompa, Joãozinho.

TONICO — Mas o grupo foi aumentando. Até quem não se esperava foi se chegando.

CLAUDINHA — Uniram-se as bandeira.

JOÃOZINHO — Internacional, Grêmio, Palmeiras, Coríntias, Flamengo, Bahia... Todos formavam uma só e imensa torcida.

TONICO — A partida já estava quase ganha. Todos vibravam contentes.

CLAUDINHA — Finalmente, eles escolheriam seu presidente.

TONICO — Porém, aconteceu um fato que pela maioria não era esperado. Surgiu entre eles um outro grupo...

PROFESSORA — Não me diga.

TONICO — O grupo dos diplomados. Gente de boa conversa, desses que se fizeram em promessas.

ALFREDINHO — Promessas jamais cumpridas.

TONICO — Eles queriam frequentar o "colégio", que isso era preciso, para honrar a profissão.

ALFREDINHO — Vinha um e falava: "é preciso ser assim, senão tu do vai ficar com a direita reacionária".

JOÃOZINHO — Outro comentava amiúde: "é tudo por causa desse Salim filho da puta que vai entregar o país pros árabes"

CLAUDINHA — Outro falava baixinho: "pode haver um novo golpe".

TONICO — Então, as régras do jogo foram mudadas. Os profissionais viraram a casaca, trocaram fichas, figurinhas, revistas pornográficas. Os mais safados, empurravam para cima dos sedentos eleitores, os peitos gelatinosos da cantora. Aquela que quando canta o hino, troca a letra. E o Osmarzinho comentarista, passava pimenta nos olhos dos coitados e dizia que era colírio.

JOÃOZINHO — Amarelinho, amarelinho, meu garoto.

TONICO — Vão pra casa, enrolem as faixas e bandeiras. Deixem agora por nossa conta, que depois tudo se ajeita. Temos de ter antes um período de transição.

ALFREDINHO — Sim, isto é apenas o primeiro passo, diziam eles, lá chegando, faremos vossas vontades.

TONICO — Reforma Agrária, salários justos, acabaremos com a inflação, criaremos novos empregos, não haverá recessão. Não pagaremos a dívida externa com a fome do povo.

JOÃOZINHO — Houve até quem acreditasse em tão nobres palavras.

TONICO — E o tempo foi passando, passando, passando, tanto tempo que nem sei. E aquele povo que ria, que alegre mostrava os dentes, aguarda ainda ansioso a hora de votar pra presidente.

JOÃOZINHO — E o que está aí, sem um voto, vai ficar por cinco anos, com a aprovação da maioria dos constituintes...

PROFESSORA — Acabou a sua história, Tonico?

TONICO — Não, professora. Ela mal está começando.

PROFESSORA — Chega, chega... Já é o suficiente... Sabe, Tonico. a sua história foi muito bonita... bonitinha... Pena que ela seja um tanto... um tanto, como diria... um tanto, um tanto, entenda?! Fica difícil avaliar uma ficção... Veja bem, Tonico. Procure entender minhas palavras. Palavras que não são minhas. Toda hora se ouve na tevê... O povo está contente, está comprando mais, congelou-se a inflação, acelerou-se a economia, está se gerando novos empregos, os especuladores entraram em fria... Só não acredita nisso, esses baderneiros subversivos. Levamos nós uma vida decente. Pergunto então, congelou-se tudo, por que não se congelar também as eleições para presidente?!

ALUNOS — A senhora é professora...

PROFESSORA — E sempre tenho razão.

ALFREDINHO — Mas eu pergunto, professora: com um salário mínimo quantos quilo se compra de pão?

PROFESSORA — Mas nem só de pão vive o homem, Alfredinho... Ai, crianças, deixemos de fantasias. Vamos estudar geografia.

JOÃOZINHO — Professora, eu ainda não contei a minha história.

PROFESSORA — Joãozinho, Joãczinho, Joãozinho, quer ficar quietinho pra ganhar docinho?

JOÃOZINHO — Não. Eu quero contar a minha história.

PROFESSORA — Chega de história, cale a boca e não amole...

JOÃOZINHO — Tá bem, tá bem. Se a senhora não quer mole eu endureço.

PROFESSORA — Je Vous Salue, Marie! Esse menino ainda me mata.

JOÃOZINHO — Nada disso, professora. Fique tranqüila. Minha história já está liberada pela censura. Ela aconteceu dentro de um convento de freiras.

PROFESSORA — Tem título essa sua história?

JOÃOZINHO — Não tem não, professora, mas se a senhora quiser, eu boto!

PROFESSORA — Ai, ai, ai...

JOÃOZINHO — Ih, profe! Eu nem botei e a senhora já está gritando.

PROFESSORA — Põe um título nessa história, menino.

JOÃOZINHO — Tá bem. Tá bem... Vou intitulá-la de: "O salame do sacristão".

PROFESSORA — Ave Maira!

JOÃOZINHO — Se é pra começar a reza, não conto nada.

ALUNOS — Conta, conta, conta...

JOÃOZINHO — Bem, eu conto... Se é para a felicidade geral da nação, para o bem do povo e para o engrandecimento da nossa cultura, contarei. Mas só depois dos nossos comerciais.

ALUNOS — Aaaahhhh!

TONICO — Dê suavidade a sua vida. O luxo que todo mundo cobiça.

PROFESSORA — Não deixe faltar no seu banheiro, papel higiênico da marca "Lixa"!

TONICO — Lixa! O único papel higiênico que só é higiênico antes de ser usado e torna qualquer sabugo antiquado.

JOÃOZINHO — Cagou? Lixa, limpou! E com que suavidade.

PROFESSORA — Joãozinho, agora conta a história do salame.

JOÃOZINHO — Devido o adiantado da hora, no próximo capítulo eu contarei minha história. Porém, digo desde agora: o salame fedidia a bacalhau!

ALUNOS (FAZEM ALGAZARRA).

PROFESSORA — Fora, fóra... Todos em fila... Terminou a aula...

Os alunos saem marchado. Logo atrás, rebolando, a professora. (FINAL DO PRIMEIRO ATO;)

SEGUNDO ATO

CENA UM

* Entra o Doutor Ambrósio e a Enfermeira Senhorita Maria Isaura. Ambos examinam o paciente.

DOUTOR — Senhorita, passe-me o termômetro. Vamos medir a temperatura do paciente.

ENFERMEIRA — Um só, ou três, doutor Ambrósio?

DOUTOR — Três, senhorita. Não podemos permitir a menor possibilidade de falha.

ENFERMEIRA — Serviço de utilidade pública.

DOUTOR — Para melhor se aferir a temperatura de um paciente, três são os lugares mais indicados. A boca (COLOCA O TERMÔMETRO NA BOCA DA ENFERMEIRA), a axila (IDÉM NA AXILA) e o ânus... (COLOCA O TERMÔMETRO NO ÂNUS DO BONECO).

ENFERMEIRA — Obrigada, doutor.

DOUTOR — Por que o agradecimento?

ENFERMEIRA — Por ter me poupado nesta última parte da demonstração. Coisa que não aconteceu por ocasião das aulas sobre "as diferentes formas de copular dos mamíferos". Naquelas aulas o senhor introduziu mesmo... Jamais esquecerei aquelas lições...

DOUTOR — Isso prova que a prática supera a teoria... (TIRA O TERMÔMETRO DA BOCA DA ENFERMEIRA;) — Trinta e seis de febre... Aliás, isto nem é febre. Sua temperatura está normal. Eu diria que em outras ocasiões ela fica bem mais elevada.

ENFERMEIRA — Tomo nota disso?

DOUTOR — Claro que não! Queremos informes verdadeiros e exatos... Se mais tarde, o porta-voz do paciente quiser escrever um livro, o povo, ao ler esse livro, deve sentir que ele, o livro, é a expressão da verdade, da honestidade e do civismo.

ENFERMEIRA — Tomara que escreva mesmo, doutor. O povo precisa de cultura... O senhor leu o livro do jornalista que mais tarde virou deputado?

DOUTOR — Corri o olho por cima. E por isso, senhorita, nossos boletins devem ser corretos, para que não se escrevam sobre mentiras...

ENFERMEIRA — Perfeitamente, doutor Ambrósio. Perfeitamente. Muito louvável a sua atitude profissional.

DOUTOR — Tome nota, senhorita: neste momento o paciente apresenta a temperatura aparentemente normal.

ENFERMEIRA — Temperatura aparentemente "anormal".

DOUTOR — Não, senhorita. A temperatura do paciente está aparentemente normal... Normal!

ENFERMEIRA — Sim, doutor Ambrósio. Anormal!

DOUTOR — Pois bem, senhorita, escreva: "a temperatura do paciente está aparentemente "anormal"! Escreveu?

ENFERMEIRA — Calma, doutor. Não sou máquina... Pronto, escrevi!

DOUTOR — Leia o boletim, senhorita. Isto é muito importante... Não podemos cometer erros. Leia o informe...

ENFERMEIRA (LENDO) — Os batimentos cardíacos do paciente apresentam um quadro anormal, ponto. A temperatura do paciente es-

tá aparentemente anormal.

DOUTOR — Muito bem, senhorita Maria Isaura. Agora corte a letra "A" que está sobrando.

ENFERMEIRA — Isto até parece aula de português, não é doutor?

DOUTOR — Vamos ao que interessa... Que dia o paciente deu baixa a esta enfermaria?

ENFERMEIRA — Tenho dados imprecisos. Na portaria se anotou a hora, o dia, mas o mês e o ano ficou em branco.

DOUTOR — Isso pode dar complicação com o INAMPS... Qual a causa que nos trouxe o doente: acidente, desmaio, tonturas, mal súbito?

ENFERMEIRA — Não sei, doutor. Mas apresentava, como ainda apresenta, sinais de debilidades profundas.

DOUTOR — Deve ser algum problema interno.

ENFERMEIRA — Aqui diz que problemas internos são muitos.

DOUTOR — E os exames superficiais que fizemos comprovam a existência de muitos problemas externos.

ENFERMEIRA — Que aparentemente são mais fáceis de se curar.

DOUTOR — Desde que os principais órgãos internos do paciente desempenhem suas funções, e isso não está ocorrendo... Qual é o nome do doente, senhorita?

ENFERMEIRA — Ainda não posso lhe informar. Estamos aguardando os resultados das investigações.

DOUTOR — Investigações? Quem está investigando?

ENFERMEIRA — A interpol, o FBI, a CIA, a Scotland Yard...

DOUTOR — Senhorita Maria Isaura...

ENFERMEIRA — Me parece que alguns agentes da KGB também estão agindo...

DOUTOR — Mas qual motivo levou a essa gigantesca investigação policialesca?

ENFERMEIRA — Bem, segundo o delegado Tuma, "la dupla documentation". Foram encontrados em seus pertences dois passaportes.

DOUTOR — Contrabando de uisque?!

ENFERMEIRA — Eu disse passaporte e não "Pass Port"... O primeiro passaporte estava com o nome de "Brasilício da Silva e Silva". Junto a esse documento, várias letras vencidas... No segundo, o nome de "Brasilião Josenfeld de Alcântara Mendonza e Bragança". Junto deste documento, alguns cartões de crédito e os mapas de uma ferrovia a ser construída de norte a sul.

DOUTOR — É uma dificuldade... Bem, mas deixemos isso para os agentes resolverem. Enquanto isso, tratemos do doente.

ENFERMEIRA — Que está cada vez pior!

DOUTOR — E é tarefa nossa curá-lo.

ENFERMEIRA — Mas já fizemos tudo o que era possível.

DOUTOR — Não, não, não... Alguma coisa ainda deve ser feita.

ENFERMEIRA — Mas o quê?

DOUTOR — Mesmo que a maioria dos médicos tenham afirmado que o caso não é cirúrgico, isto não me convence. O problema é cirúrgico, com certeza.

ENFERMEIRA — A doutora Salomé poderia ser nossa aliada, mas e lafoi demitida, ou se demitiu, não sei...

DOUTOR — De nós, tudo é exigido. Compreensão, sacrifícios, do ação, entre tantas outras coisas... Por que será que nos escondem informações sobre este doente? Tudo o que sabemos a seus res peito é através da Globo, exatamente como quer o "Tio Marinho". Por que a senhorita está me seguindo?

ENFERMEIRA — Não estou, doutor. O senhor é que está andando na minha frente.

DOUTOR — Examinamos a pulsação, a temperatura.

ENFERMEIRA — Fizemos tudo o que foi possível, mas demos com os burros n'água.

DOUTOR — Os batimentos cardíacos apresentam um quadro anormal, mas não preocupam. A temperatura está aparentemente normal...

ENFERMEIRA — Não, doutor... Os batimentos cardíacos do paciente apresentam um quadro normal e a temperatura está aparentemente anormal... Foi o que o senhor mandou anotar.

DOUTOR — Mas eu mandei acrescentar a letra "A" na primeira vez, não foi?

ENFERMEIRA — Mas depois mandou cortar a letra "A". Foi o que eu fiz...

DOUTOR — Realmente. Muito bem lembrado. Quase que cometemos um erro.

ENFERMEIRA — Eis aqui o boletim: "Os batimentos cardíacos do paciente apresentam um quadro normal, e a temperatura está apa rentemente anormal... Quer dizer: temos um problema.

DOUTOR — Que problema, senhorita?

ENFERMEIRA — Clareza na comunicação... Não podemos esquecer que o boletim terá repercussão nacional e até internacional. Por tan to, devemos ser claros. Nosso boletim deve ser bem redigido ... Posso reescrevê-lo?

DOUTOR — Pode fazê-lo!

ENFERMEIRA — Então, assim escrevê-lo-ei!

DOUTOR — A responsabilidade será sua.

ENFERMEIRA — Para não fugir a régra, a culpa sempre recai sobre o proletariado... Mas eis aqui o boletim na sua redação final... "Os impulsos cardiovasculares do paciente apresentam nor malidade, e a temperatura está anormal, mas controlável... Deve mos acrescentar esta palavra "controlável", para dar ênfase ... Também não podemos escrever no boletim a palavra "aparentemen- te". Isso poderá evidenciar certa dúvida de nossa parte... Dou- tor Ambrósio, devemos ser enfáticos, ou o senhor tem dúvidas so bre estas informações?

DOUTOR — Tenho... Quer dizer, claro que não!

ENFERMEIRA — Devo informar o local da aferição termica no boletim?

DOUTOR — Não vejo necessidade. Seria até uma temeridade. Demais a mais, certas práticas médicas devem ser preservadas, para que não haja uma corrida aos hospitais. Não temos termômetros suficientes para atender a metade da população.

ENFERMEIRA — O que para muitos será uma pena... Então?

DOUTOR — Façamos uma pausa para os nossos comerciais. Voltamos em um minuto.

BÊBADO — Se você sentir nas narinas um forte odor desagradável proveniente de suas axilas, lembre-se: banhar-se não é o bastante. Use um bom desodorante. Desde que não seja aerosol. Cuidemos da camada de ozônio!

DOUTOR — Continuo preocupado com o nosso enfermo. Examinamos e reexaminamos. Coração não é. Febre tem mas não é lá essas coisas.

ENFERMEIRA — Doutor Ambrósio, cheire isto... que lhe parece?... (DÁ O TERMÔMETRO PARA O DOUTOR CHEIRAR.)

DOUTOR — Cheiro de merda.

ENFERMEIRA — Eu sei que é cheiro de merda. Mas é bom ou ruim?

DOUTOR — Onde já se viu cheiro de merda ser bom, senhorita?

ENFERMEIRA — Não estou falando nesse sentido. Pergunto sobre o funcionamento dos intestino do paciente... Pelo cheiro não está funcionando bem, tenho certeza. Como o senhor afirmou, tudo leva a necessidade de uma intervenção...

DOUTOR — Meus parabéns, senhorita Maria Isaura. Sua percepção é fantástica. Com uma simples cheiradinha, descobriu um distúrbio intestinal do doente. Isto é fabuloso. Corto a cabeça de quem disser que a senhorita não entende de merda nenhuma. Pois é justamente sobre isso que a senhorita tem um profundo conhecimento.

ENFERMEIRA — Claro, né Doutor. Tirei a faculdade!

DOUTOR — Com esse seu nariz refinado, a senhorita deveria aprimorar-se, tornar-se uma "enóloga-merdófila", para o engrandecimento da ciência. A senhorita deve desenvolver essa vocação.

ENFERMEIRA — Enóloga-merdófila! Ficarei famosa.

DOUTOR — Imagine-se fazendo um pós-graduação, tornar-se uma especialista, defender tese nos "Isteites", participar de um congresso em "Moscu", ou nos dos outros mesmos.

ENFERMEIRA — Ficarei famosa... Ai, doutor, não alimente os meus sonhos... Sempre quis pisar na neve branca da praça vermelha, visitar o Kremeling!

DOUTOR — Lá onde o crimiling não compensiling?

ENFERMEIRA — Ou então, ir de avião para os Estados Unidos pra ver Chicago de cima.

DOUTOR — Chicago? Deixa que eu limpo!

ENFERMEIRA — Ficarei famosa.

DOUTOR — Seguradoras oferecerão apólices enormes para assegurar o seu nariz.

ENFERMEIRA — A Globo mostrará ele el close para o mundo inteiro.

DOUTOR — A mulher maravilha.

ENFERMEIRA — A mulher do nariz maravilha.

DOUTOR — Vai vir gente de todos os lados. Artistas, empresários, políticos, operários. Cada um trazendo um vidrinho cheio de cocô matinal. Cheire a minha merda, senhorita, veja se meu intestino está normal...

ENFERMEIRA — Aí eu cheiro.

DOUTOR — Você vai cheirar a merda do Gorbachov, do Jorge Buch, do Miterran, a merda do presidente.

ENFERMEIRA — Serei presa, posso provocar uma guerra.

DOUTOR — Como, senhorita?

ENFERMEIRA — Nesta profissão precisamos ser honestos. Aí eu entro pelo cano. Devo dizer qual a melhor merda entre russos e americanos. O que eu faço, o que eu digo?

DOUTOR — Realmente, isso é um problema... Então, senhorita, faça o seguinte: não atenda os estrangeiros. Cheire somente a merda dos brasileiros.

ENFERMEIRA — Mas o que vão dizer as pessoas?

DOUTOR — Deixa isso prá lá, vem prá cá, o que é que tem...

BLACK-OUT
CENA DOIS

REDAÇÃO DE UM JORNAL. ENTRA O DIRETOR DO JORNAL COM A PAPELADA. LOGO EM SEGUIDA ENTRA A REPÓRTER.

A REPÓRTER — Caro chefinho, vivemos tempos difíceis, no meio das incertezas. Quem aguenta?

DIRETOR — Devemos sorrir como se tudo estivesse bem. Otimismo, otimismo... Onde estão, cara repórter, as notícias?

A REPÓRTER — Caro chefinho, tenho em mãos assuntos interessantíssimos e de certa gravidade, eu diria. O público merece estas informações.

DIRETOR — Essa é nossa função: informar a população. Temos esse compromisso com o público. As reportagens são a alma de um bom jornal.

A REPÓRTER — As denúncias na imprensa contribuem para as soluções de muitos problemas. Denunciando estamos colaborando para o bem estar social.

DIRETOR — Tudo pelo pessoal, isto é: tudo pelo social.

A REPÓRTER — Veja esta reportagem: o Supermercado Camelo não está pagando horas extras aos funcionários. Eles estão trava-

lhando mais de 44 horas semanais. Isso é um desrespeito à Constituição... E tem mais, proíbe que os funcionários tragam lanches de casa. Se alguém quiser lanchar, o que é uma coisa gostosa e salutar, tem de comprar na própria lancheria do Supermercado, onde os preços não são nada convidativos... Nossa reportagem constatou também que, se faltar dinheiro no caixa, no final do expediente, o funcionário é obrigado a repor o dinheiro do seu bolso...

DIRETOR — O que eu acho muito justo.

A REPÓRTER — E quando sobra dinheiro no caixa, esse dinheiro não fica com o funcionário, vai para os cobres do supermercado. Um peso, duas medidas...

DIRETOR — Mais alguma outra reportagem?

A REPÓRTER — Muitas...

DIRETOR — Bem, vamos escolher uma que nos convenha. Temos o espaço reduzido.

A REPÓRTER — Mas chefinho, esta reportagem precisa ser publicada ainda hoje. Temos de abrir espaço no jornal de uma forma ou de outra.

DIRETOR — Como, minha cara repórter?

A REPÓRTER — Diminuir as notícias esportivas, por exemplo?

DIRETOR — Nem falar!

A REPÓRTER — Suprimir algum artigo da coluna social?

DIRETOR — Mas que esperança!

A REPÓRTER — Aumentar o número de páginas da edição?

DIRETOR — Impossível! A senhorita sabe quanto custa uma página?

A REPÓRTER — É caro?

DIRETOR — Caríssimo, senhorita, caríssimo. Um custo enorme.

A REPÓRTER — Sendo assim, chefinho, devemos ter o bom senso de só publicarmos coisas importantes e não besteiras.

DIRETOR — Besteiras? Qué besteiras? Precisamos vender o jornal. Devemos publicar o que o leitor gosta. A coluna social mexe com o ego das pessoas. O esporte traz a vibração, a competição sadia. As crônicas, para o regozijo de alguns escritores... Isso é importante para a vida de um jornal. E os leitores gostam, também, de ler sobre acidentes, catástrofes, crimes, assassinatos, roubos...

A REPÓRTER — Roubos?! Aqui tenho uma reportagem sobre um roubo sensacional, fantástico e ao mesmo tempo vergonhoso.

DIRETOR — Deixe-me ver... A senhorita sabia que é deste tipo de reportagem que o leitor mais gosta? Roubos sensacionais?...

A REPÓRTER — É importante que publiquemos isso.

DIRETOR — Mas isto aqui é muito grave...

A REPÓRTER — Gravíssimo!

DIRETOR — Não podemos publicar isto, senhorita, de maneira alguma. A senhorita quer nos arruinar? Quer que fechemos as portas? Esta matéria é impublicável.

A REPÓRTER — Espere, chefinho. Nossa obrigação é com a verdade e o que está escrito nesta reportagem é verdadeiro... Não vejo que tipo de comprometimento isto nos pode trazer.

DIRETOR — Não crie problemas, senhorita.

A REPÓRTER — Tentar solucionar, não é criar problemas.

DIRETOR — Não tem conversa. Não vamos publicar isto e nem a reportagem do Supermercado.

A REPÓRTER — Não vamos?

DIRETOR — Não!... Diga-me: quem é que paga esta publicidade de meia página?

A REPÓRTER — O Supermercado Camelo!

DIRETOR — E este outro anúncio?

A REPÓRTER — A Construtora Albano!

DIRETOR — Quem é que paga as publicidades de um jornal?

A REPÓRTER — O comércio, alguns órgãos públicos!

DIRETOR — Então, senhorita, como publicarmos isto se são eles quem sustentam o jornal com seus anúncios? Como dizer que os empregados do Supermercado são explorados? Posso publicar que a Construtora Albano não paga água, que sonega impostos, que não recolhe a previdência de seus empregados? Como editar dizendo que o comércio cobra ágio, que esconde mercadorias? Além disso não temos provas.

A REPÓRTER — Ah, temos provas, sim senhor. Várias pessoas dispostas a testemunhar cada palavra da reportagem, com documentos, fotos e tudo!

DIRETOR — Mesmo assim não publicaremos. Perderíamos os anunciantes. O comércio não nos venderia tinta, papel. Seria o nosso fim.

A REPÓRTER — Fim? Fim de quê?

DIRETOR — Fim da nossa empresa jornalística, senhorita. Você quer ficar sem emprego, quer?

A REPÓRTER — Claro que não. Com esta crise, ficar desempregada é dose.

DIRETOR — Então?! Para fechar a edição, na falta de assunto, escolha um deste jornal paulista.

A REPÓRTER — Mas isso não é legal, copiar matéria de um outro jornal?!

DIRETOR — É lícito explorar os empregados como faz o supermercado?

A REPÓRTER — Não!

DIRETOR — É lícito construir um edifício e roubar água por de baixo da rua, sem o conhecimento do departamento de água?

TEATRO DE ARINA : 226-0242
635 — CEP 90010

A REPÓRTER — Não! Mas o departamento sabia.

DIRETOR — Sabia mas fingia não saber. Isso é lícito?

A REPÓRTER — Não!

DIRETOR — Legislar em causa própria, pode?

A REPÓRTER — É imoral, mas pode!

DIRETOR — Comprar dólar no black, é uma coisa lícita?

A REPÓRTER — Não!

DIRETOR — Fazer depósito no estrangeiro?

A REPÓRTER — Também não!

DIRETOR — Cobrar impostos dos contribuintes e não repassar os valores à receita, pode?

A REPÓRTER — Chefinho, o senhor está por dentro das sacanagens, heim?!

DIRETOR — Muitas coisas não se pode fazer. É ilícito, mas é prática comum...

A REPÓRTER — Então...

DIRETOR — Tome este jornal e copie uma matéria... (SAI.)

A REPÓRTER — Consciência jornalística, adeus! Bulufas prá ti; justiça! Babaus para os fatos... E dizer que o nosso jornal é Au tônomo e que tem um compromisso com a verdade!

DIRETOR (ENTRANDO) — O que foi que a senhorita disse?

A REPÓRTER — Que o nosso jornal é nosso orgulho e nossa vaidade... (SAI O DIRETOR.)

CENA TRÊS

A REPÓRTER DIRIGE-SE AO BICÉFALO E CONVERSA COM ELE.

A REPÓRTER — Viu só?... Se você não estivesse tão doente, nossa imprensa, nossa educação, nossos órgãos públicos exerceriam honestamente suas funções. E eu acho que é por isso que vocês estão desse jeito... Tantas são as coisas que devem ser ditas, esclarecidas. Tantas são as verdades que ficam escondidas. Tantas são as mentiras contadas como se verdades fossem... Que bom seria ver-te completamente restabelecido... Sabes de uma coisa?... Muitas vezes critiquei tua cabeça. Fiquei feliz quando arrancaram-na. Nasceram-me novas esperanças. E, agora, aqui estás, não com uma, mas com duas cabeças! A doutora Salomé terá de explicar-me por que esse estranho e inesperado transplante... Será que ela acredita que duas cabeças pensam melhor do que uma?

ENFERMEIRA (ENTRANDO) — Isso se os objetivos fossem os mesmo. Neste caso, a cabeça da direita tem idéias conservadoras.

A REPÓRTER — E a da esquerda?

ENFERMEIRA — Idéias confusas. Diz que é de centro esquerda mas está quase sempre voltada e sorrindo prá cabeça da direita.

A REPÓRTER — E o que leva a se dizer que o transplante foi um verdadeiro sucesso?

ENFERMEIRA — Nada!

A REPÓRTER — Nada?

ENFERMEIRA — Acontece que a medicina não quer reconhecer seu erro. Então diz que está tudo bem, que o paciente teve grandes progressos. Tudo mentira. Está de mal a pior!

A REPÓRTER — E vocês, médicos e enfermeiros bem intencionados, o que poderiam fazer para reverter tal quadro?

ENFERMEIRA — Sozinhos, muito pouco, mas com o apóio de todos, quem sabe a coisa muda... Por que você não faz uma campanha através dos jornais, para que se tirem essas cabecinhas daí e se coloque uma só no lugar? Uma cabeça diferente, com idéias diferentes... O doutor Ambrósio acha que essa é a solução: um novo transplante, mas com apóio da população!

A REPÓRTER — Uma campanha?! Bem que eu gastaria, mas o diretor do jornal não concordaria.

ENFERMEIRA — Não me diga. Ele é marrom?

A REPÓRTER — Ele é daqueles que diz: que padre é só prá rezar missa, salvar almas e não para falar de reforma agrária... Que professor é prá dar aulas, patati, patatá, patati, patatá e não prá falar de política... Ele é daqueles que diz que cada macaco deve ficar no seu galho... Fachista!

ENFERMEIRA — Criemos então uma imprensa alternativa.

A REPÓRTER — Bem que a gente tenta. Mas onde tem dinheiro?...

ENFERMEIRA (REFERINDO-SE A ENTRADA DA DOUTORA SALOMÉ.) — Veja quem está chegando... A doutora Salomé... Mas ela está uma graça!

A REPÓRTER — A doutora Salomé?... (DIRIGINDO-SE A ELA.) — Doutora Salomé, uma palavrinha, por favor... Por que o transplante?

SALOMÉ — Não, não, não! Não tenho que explicar nada. Fí-lo por que quí-lo. Eis a questão!

A REPÓRTER — Mas deve haver algum motivo? Curiosidade, vontade de fazer algo inédito? Ou fez a operação a pedido de alguém?

SALOMÉ — Pedido de alguém, "virgola"!... Fique sabendo, minha cara repórter, e a quem mais interessar possa, que sou uma mulher de iniciativas próprias. Sou guiada inteiramente por meus instintos. Não tenho compromisso com casa, filhos, marido, sociedade e muito menos com alguém em particular. Sou uma solteirona convicta, o que não deixa de ser um desperdício, com tantos homens na praça dando sopa... Mas nem tudo é perfeito... Sou uma mulher livre como peido ao vento, essa é que é a verdade.

DOUTOR (ENTRANDO.) — Viva a liberdade!

Teatro de Arena

TODOS — Viva!

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

A REPÓRTER — Porém, doutora, comenta-se bastante, que certos grupos lhe deram apóio irrestrito para que realizasse o transplante??

SALOMÉ — Isso é uma mentira deslavada. Intriga dos comunistas. Isso que se comenta sobre o grupo dos dez, grupo dos dezóito, dos quarenta e dois, é tudo fofoca.

A REPÓRTER — Mas alguém viu membros desses grupos entrando em sua casa. Tiraram até fotografias.

SALOMÉ — Não se pode jogar poker, agora? Queriam que eu convidasse quem para um pokerzinho lá em casa? O Lula, o tio Briza?

A REPÓRTER — Bem, mas a opinião pública...

SALOMÉ — Tô cagando e andando prá opinião pública. E digo mais: sou anarquista. Sou o meu próprio governo, vivo às minhas custas e meu carro é um Passat 82.

DOUTOR — Viva a classe média!

TODOS — Viva!

A REPÓRTER — Aí encerra-se uma grande dúvida. Não sendo a senhora uma mulher de posses, como realizar uma operação que custou um dinheirão? O povo comenta e à bandeira despregada que rolou muita grana por debaixo do pano.

SALOMÉ — O povo não sabe nada. Isso até o prefeito diz. É vacuinha de presépio. O povo fala o que querem os ativistas subversivos. Como diz o ditado: o povo tem a memória curta. É enganado a primeira, a segunda, a terceira e é possível enganá-lo umas tantas vezes mais.

DOUTOR — Viva o povo que se engana!

TODOS — Viva!

A REPÓRTER — A senhora não confirma que a operação foi cobra mandada?

SALOMÉ — Não confirmo nada. Que pensem o que quiserem. Sou uma mulher de palavra. Sempre disse: ou arrancava a cabeça do João Batista, ou não me chamava Salomé! Simplesmente cumpri com minha palavra.

DOUTOR — Viva a Salomé!

TODOS — Viva!

A REPÓRTER — Repita a última frase, por favor.

SALOMÉ — Simplesmente cumpri com minha palavra.

A REPÓRTER — Desculpe, a frase anterior.

SALOMÉ — Ou arrancava a cabeça do João Batista, ou não me chamava Salomé!

DOUTOR — Mulher de palavra está aí. Arrancou mesmo... Viva a palavra e viva todos os que são de palavra.

TODOS — Viva!

A REPÓRTER — E o transplante está feito.

SALOMÉ — Bem feito, bem feito, bem feito.

DOUTOR — Viva o bem feito!

TODOS — Viva!

A REPÓRTER — Só por curiosidade: por que especificamente essas duas cabeças no lugar da do João Batista?

SALOMÉ — Não há muito o que explicar. A emenda sai sempre pior que o soneto. E quando a fatalidade se mistura com o desti-

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

no, alguém aguenta o pepino.

A REPÓRTER — Nesse caso, o povo!

SALOMÉ — Em primeiro lugar, se escolheu uma cabeça com idéias ponderadas, que gostasse do meio termo, que gostasse de pensar em silêncio.

A REPÓRTER — Já sei. A cabeça de um mineiro, acostumado a ficar em cima do muro.

SALOMÉ — Mas na época, ninguém pensou na tal de diverticulite!

BÊBADO (QUE JÁ SE ENCONTRAVA EM CENA.) — Já sei: a tão famosa diverticulite que elegeu o Britto.

SALOMÉ — E a cabeça de reserva era essa, meio chata, que só serviu prá tapar o buraco.

A REPÓRTER — E a outra? No pescoço há duas?!

SALOMÉ — Essa é uma sombra, resquício remoto de um passado de luta. Já teve sua função, mas agora está aí, mais por necessidade do texto da peça.

A REPÓRTER — E que peça nos pregaram essas cabeças...

SALOMÉ — Mas uma coisa ninguém contesta. O corpo não podia ficar acéfalo. Agora é aguardar os resultados.

A REPÓRTER — E durante esse tempo de espera, alguma coisa poderá dar certo, ao menos agora, nesse finzinho de verão?

SALOMÉ — Não sei, mas temos que correr o risco.

DOCTOR — Viva o risco!

TODOS — Viva!

DOCTOR — Viva o fisco!

TODOS — Viva!

DOCTOR — Viva o fiasco!

TODOS — Viva!

SALOMÉ — Por que é que estão dando tantos vivas?

A REPÓRTER — Também eu não estou entendendo nada!

ENFERMEIRA — A confusão é geral, queridinha!

BÊBADO — Nunca se entendeu tão pouco neste país!

DOCTOR — Então proponho um viva ao desentendimento geral.

TODOS — Viva!

A REPÓRTER — Doutora Salomé, para encerrar o espetáculo, responda para mim: estaria a senhora disposta a realizar uma nova operação no paciente?...

NESTE MOMENTO, TODOS FICAM PARADOS, SEM SE mexer, CONGELAM. SOMENTE A REPÓRTER SAI DO LUGAR E DIRIGE-SE AO PÚBLICO:

A REPÓRTER — Qual será a resposta da doutora Salomé? Dará ela uma resposta clara e objetiva? Ou quem deve responder é o espectador? Faremos a história ou deixaremos que a história nos

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

faça? Senhoras e senhores, o futuro do Brasil... o futuro do Bi
céfalo, está em vossas mãos!

TODOS DESCONGELAM.

DOUTOR — Esta foi a mensagem do nosso patrocinador: As fábricas Pindorama.

TODOS (EM CORO) — Para dentro de sua casa, para baixo de sua cama, pinicos Pindorama!

PANO RÁPIDO. FIM DA PEÇA
O BICÉFALO

A verdadeira história do transplante que
quase deu certo!

TEATRO DE ARENA : 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 — CEP 90020

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025